

Editorial

No nosso último número de 2015, nos pareceu importante relatar alguns dos resultados obtidos pela CoMtempo neste que foi um ano de profundas mudanças editoriais. A periodicidade quadrimestral diminuiu consideravelmente o tempo corrido entre a emissão de pareceres e a publicação dos textos: todo o processo não tem costumado exceder os seis meses. Veiculamos um total de 34 artigos. Destes, nove foram assinados por doutores, dos quais seis lecionam em programas de pós-graduação em comunicação (Cásper Líbero, Universidade de Sorocaba e Universidade Federal de Outro Preto); dois textos foram assinados por doutorandos; e os demais artigos foram produzidos por mestres, mestrados e uma graduanda. Nossa revista, assim, continua a manter a sua premissa seminal de ofertar espaço qualificado para publicação científica de todos aqueles que produzem conhecimento no campo das comunicações, sem distinções de titulação. Pudemos contar com autores vinculados a variadas instituições de São Paulo (seis instituições), Ceará (uma instituição), Paraná (uma instituição), Minas Gerais (duas instituições), Rio de Janeiro (duas instituições) e Pernambuco (uma instituição). Conseguimos, também, abrir espaço para dois ensaios fotográficos, uma hipermídia e uma mídia sonora, concretizando a nossa proposta de expandir a produção de saberes para além da linguagem verbal.

Ainda há, por certo, muito a ser feito. Mas quando olhamos as conquistas alcançadas nestes doze meses de trabalho árduo – e extremamente prazeroso! –, pensando que tudo até aqui realizado foi apenas um pontapé inicial, sentimo-nos desafiados e instigados a fazer muito mais. Que venha 2016. Antes de o ano novo chegar, contudo, falemos deste nosso último número. Trazemos um total doze textos, agrupados de forma livre, e não para compor um dossiê temático. Abrimos a edição com trabalho assinado por Amanda Nogueira de Oliveira, mestranda na Universidade Federal do Ceará que nos apresenta discussão sobre práticas socioculturais, entendidas como uma multiplicidade de vínculos, mediadas por dispositivos móveis entre jovens da periferia de Fortaleza. Seguimos com Carlos Costa, doutor em comunicação pela Universidade de São Paulo e diretor da Faculdade Cásper Líbero, cujo trabalho, um ensaio precioso titulado “A formação do jornalista: olhar crítico e contemporaneidade”, aborda a necessidade de se pensar a formação do jornalista profissional em um denso curso superior de reflexão crítica, e não na perspectiva do simples adestramento técnico. A edição continua com um trabalho a quatro mãos: “Incompreensão online: Comunicação, alteridade e ódio no Twitter”. Os autores, Dimas Künsch, coordenador do PPGCOM da Cásper, e Emanuel Novaes Colombari, orientando em seu mestrado por Dimas, discutem as relações entre usuários do Twitter e as manifestações de ódio e intolerância que atravessam essas relações, a partir do olhar sobre as relações humanas no ambiente offline.

Nosso quarto texto tem por autora Juliana Andrade Leitão, doutoranda na Universidade Federal de Pernambuco que voltou recentemente de um estágio de pesquisa na *Universitat Autònoma de Barcelona*. Em “Questões de raça e alteridade nas vítimas do fotojornalismo”, a pesquisadora analisa representações fotográficas às vezes violentas – chocantes, até – feitas com vítimas de atentados terroristas; tudo para

comparar os distintos tratamentos concedidos aos sujeitos fotografados em função de questões raciais. Liana Dodt, mestranda na Universidade Federal do Ceará, vem na sequência com artigo sobre o trabalho do artesão cearense Espedito Seleiro, colocando destaque nas reações entre tradição e contemporaneidade tensionadas e tramadas na obra de Seleiro. Lucy Franco assina nosso sexto artigo. Trata-se do escrito nomeado “Hiperreal: As culturas juvenis segundo Kiko Goifman”, no qual Lucy, mestre pela Universidade Anhembi Morumbi, estuda as práticas juvenis e as relações de sociabilidade nos espaços urbanos, a partir da série televisiva “HiperReal” composta por 52 programas, dirigida por Kiko Goifman e produzida pelo Sesc TV entre 2009 e 2010.

Na sequência, Marcelo dos Santos, mestrando na Universidade Federal Fluminense, nos convida a refletir sobre uma rede de oposição radical ao governo federal existente no Facebook. O objeto analisado por Santos compõe-se de centenas de páginas que mobilizam discursos hostis contra agentes da base aliada de situação, objeto este em que se destaca o conceito de “política cotidiana”. Ao que se segue “Metadiscurso do jornalismo de celebridades: Pensar o saber-fazer na animação”. Aqui, Maria Aparecida Pinto, mestranda na Universidade Federal de Minas Gerais, discute como o jornalismo de celebridades pode ser estudado por meio da Análise de Discurso, considerando-se a representação da especialidade na personagem “Hart”, do desenho animado “Os Padrinhos Mágicos”. A continuação deste número fica a cargo do texto “DJ, Novas Mídias e as Formas Criativas de Colagem do Sampling na Música Pop”. Elaborado por Nilton Carvalho, mestrando na Universidade Municipal de São Caetano do Sul, este escrito analisa a colagem de samples, selecionados de várias canções e colocados em contato para criação musical, ação na qual a linguagem da música pop é inovada, ao trazer-se características dos repertórios musical e cultural do DJ para dentro dos samples.

O décimo texto da última CoMtempo de 2015 foi produzido por Pedro Debs, mestre pela Cásper Líbero. Titledo “Pensamento cíclico: O encontro da ideia de relação dialógica Eu-Tu de Martin Buber com o Mito do Eterno Retorno de Mircea Eliade”, o ensaio de Debs (2015, p.12) desenvolve a ideia de que “o humano não se transformou em outra coisa por conta dos diferentes conhecimentos produzidos, mas que continuamos buscando entendimentos de nós mesmos, que esboçamos na forma de rituais”. Um ensaio com três autores vem na sequência: “Mediação e propriocepção” apresenta pesquisa assinada por Rodrigo Moraes, doutorando na PUC-SP, Roberto Chiachiri, docente no PPGCOM da Cásper, e Flávia Mantovani, graduanda em comunicação na Faculdade Cásper Líbero. A proposta consiste em discutir certa “inteligência corporal-cinestésica”, sobretudo cruzando estudo de Oliver Sacks e a semiótica peirceana. Finalizamos esta edição com Odenir Antonio Trevisani, mestrando na Universidade Municipal de São Caetano do Sul, que aborda em “A imagem virtual como merchandising na tv: inovação na divulgação de marcas e produtos”, a maneira pela qual o merchandising virtual é utilizado em diferentes gêneros televisivos, fenômeno este de onde Trevisani extrai muitas questões e poucas certezas.

Desejamos a todos uma boa leitura, e aproveitamos para lembrar que recebemos e publicamos materiais em fluxo contínuo, de graduandos (em parceria com doutores), a mestrandos, mestres, doutorandos e doutores.

Marcelo Santos (Editor Científico e de ambientes digitais)
José Eugenio de Oliveira Menezes (Editor de materiais sonoros)
Simonetta Persichetti (Editora de materiais visuais e audiovisuais)